

A VIDA NA TERCEIRA IDADE E SEUS DESAFIOS

Data de aceite: 01/06/2023

João Matheus Sousa Dominici

Devido aos avanços na medicina, a expectativa de vida da pessoa idosa só tende a aumentar ao longo do tempo. Hoje, os brasileiros já somam 28 milhões de idosos, e até 2031 a expectativa, segundo o Ministério da Saúde, é que o número chegue a 43 milhões, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE). Entretanto, as necessidades econômicas e sociais básicas dessa faixa etária não estão sendo supridas dignamente no Brasil. A terceira idade costuma sofrer discriminação por parte dos mais jovens, e suas possíveis limitações físicas e psicológicas têm sido as “desculpas” para que esse grupo seja tratado com menosprezo e um certo desdém. Além disso, a falta de infraestrutura nos espaços e problemas na previdência social acabam por acentuar esse quadro bastante negativo. A velhice não é uma etapa biológica definida, pois a idade cronológica denominada “velhice”

varia cultural e historicamente. Em 2011, as Nações Unidas propuseram uma convenção de direitos humanos que protegeria especificamente os idosos. A maioria dos países ocidentais desenvolvidos fixa a idade de aposentadoria entre 60 e 65 anos; isso também é geralmente considerado para marcar a transição do meio para o velho. Ter a idade dentro dessa faixa geralmente é um requisito para se qualificar para programas sociais para idosos. Nas nações não ocidentais, a velhice pode começar em meados dos 40 anos ou até aos 70. A velhice não pode ser definida universalmente porque é sensível ao contexto. As Nações Unidas, por exemplo, consideram velhice os 60 anos ou mais. Em contraste, um relatório conjunto de 2001, do Instituto Nacional do Envelhecimento dos EUA e do Escritório Regional da Organização Mundial da Saúde para a África, estabeleceu o início da velhice na África Subsaariana em 50 anos, idade nas nações em desenvolvimento. Ao contrário do mundo desenvolvido, onde a idade cronológica determina a aposentadoria,

as sociedades dos países em desenvolvimento determinam a velhice de acordo com a capacidade da pessoa de contribuir ativamente para a sociedade. Esse número também é significativamente afetado por taxas mais baixas de expectativa de vida em todo o mundo em desenvolvimento.

Os gerontologistas reconheceram que as pessoas experimentam condições muito diferentes à medida que se aproximam da velhice. Nos países desenvolvidos, muitas pessoas entre seus 60 e 70 anos ainda estão em forma, ativas e capazes de cuidar de si mesmas. No entanto, após os 80 anos, geralmente tornam-se cada vez mais frágeis, uma condição marcada por uma grave debilitação mental e física. Portanto, em vez de agrupar todas as pessoas que foram definidas como velhas, alguns gerontólogos reconheceram a diversidade da velhice definindo subgrupos. Um estudo distingue o jovem-velho, o meio-velho e o muito velho. O subgrupo de outro estudo é jovem velho, meio velho e velho-velho. Um terceiro subgrupo é jovem-velho, velho e velho-velho. A descrição de subgrupos na população com mais de 65 anos permite um retrato mais preciso de mudanças significativas na vida. Dois estudiosos britânicos, Paul Higgs e Chris Gilleard, adicionaram um subgrupo de “quarta idade”. Em inglês britânico, a “terceira idade” é “o período da vida de aposentadoria ativa, após a meia-idade”. Higgs e Gilleard descrevem a quarta idade como “uma área de inatividade, insalubridade, improdutividade”.

Conceitos-chave em Gerontologia Social listam quatro dimensões: cronológica, biológica, psicológica e social. A idade cronológica pode diferir consideravelmente da idade funcional de uma pessoa. As marcas distintivas da velhice normalmente ocorrem em todos os cinco sentidos, em momentos e em ritmos diferentes para pessoas diferentes. Além da idade cronológica, as pessoas podem ser consideradas idosas devido às outras dimensões da velhice. Por exemplo, podem ser consideradas velhas quando se tornam avós ou quando começam a fazer menos ou diferentes trabalhos na aposentadoria. Cidadão idoso é um eufemismo comum para uma pessoa idosa, usado no inglês americano e, às vezes, no inglês britânico. Isso implica que a pessoa a quem se refere está aposentada. Isso, por sua vez, geralmente implica que a pessoa já ultrapassou a idade de aposentadoria, que varia de acordo com o país. Os sinônimos incluem pensionista ou pensionista de velhice em inglês britânico e aposentado e sênior em inglês americano. Alguns dicionários descrevem o uso generalizado de “sênior cidadão” para pessoas com mais de 65 anos. Quando definido em um contexto legal, “idoso” é frequentemente usado por motivos legais ou relacionados a políticas para determinar quem é elegível para determinados benefícios. Em contextos governamentais, o termo geralmente está associado a uma idade em que as pensões ou benefícios médicos para idosos se tornam disponíveis. Em contextos comerciais, que podem servir como um dispositivo de marketing para atrair clientes, a idade costuma ser significativamente menor.

Vive-se em uma sociedade individualista e ególatra, e com isso a dinamicidade do mundo contemporâneo atrapalha a inclusão de minorias. Nesse sentido, a falta de tempo

constante e os avanços tecnológicos criam um ambiente propício para a não inserção dos idosos. Esse cenário evidencia, então, o quanto a sociedade atual é individualista, ilustrando a ideia de modernidade líquida de Zygmunt Bauman, em que “as relações escorrem pelo vão dos dedos”. No Brasil, de acordo com o IBGE, a concentração de pessoas com 60 anos ou mais está localizada nos grandes centros urbanos, em especial no Sudeste. O ambiente urbano moderno, com suas mudanças tecnológicas e econômicas, ritmo acelerado e frenético, verticalização dos espaços, acesso à informação e facilidade dos contatos, influencia as relações entre as gerações e causa choques físicos e perceptivos na vivência dos indivíduos, principalmente nos mais velhos.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o número de pessoas com idade superior a 60 anos chegará a 2 bilhões até 2050. Isso representará um quinto da população mundial. São necessárias políticas públicas que abracem de forma efetiva a população mais idosa, oferecendo-lhe oportunidades para que ela possa ser incluída em ambientes sociais e no mercado de trabalho, no caso daqueles indivíduos que ainda possuem aptidão física e mental para tal labor. Todos precisam de qualidade de vida para viver mais e melhor na terceira idade: atividades físicas, alimentação saudável e convívio social são algumas ações que beneficiam o envelhecer. O envelhecimento populacional é um fenômeno global e a sociedade precisa pensar e criar políticas públicas que incluam o idoso. Essas políticas passam pela veiculação de uma publicidade positiva acerca desse momento específico pelo qual o ser humano passa. As redes sociais e a televisão são canais que podem e devem oportunizar tal finalidade.

Fica claro, portanto, que a exclusão social dos idosos é uma questão evidente na sociedade. Logo, urge que o Ministério da Fazenda promova mudanças na Previdência Social, tendo em vista que a expectativa de vida do brasileiro aumentou ao longo do tempo. Além disso, as prefeituras devem investir em acessibilidade e opções de entretenimento para a terceira idade com mais veemência, através das redes sociais e mídias, como televisão e rádio. Ademais, a escola deve difundir valores positivos a respeito da população senil, mostrando que o idoso não é e não pode ser visto como ultrapassado, e sim que se pode absorver sua sabedoria e experiência para compartilhar e criar uma sociedade ainda mais rica de conhecimento e respeito a determinados valores e costumes, os quais nunca saem de moda.